

**Operários no cinema brasileiro. Estudo dos personagens Tião de
Eles não usam black-tie e Severino de *O homem que virou suco***

Daniela de Campos *

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar dois personagens do cinema nacional, Tião, de *Eles não usam black-tie*, e José Severino da Silva, o operário-padrão de *O homem que virou suco*. Trata-se de dois operários que trabalham em indústrias metalúrgicas, mas que não se vinculam ao movimento operário. O exame desses dois papéis fictícios serve, como ponto de partida, para que se aprofunde o conhecimento histórico sobre o trabalhador nacional da indústria. Se pensarmos sob o ponto de vista da historiografia, são personagens que as pesquisas históricas não costumam contemplar - figuras que o cinema demoniza e sobre as quais a história muitas vezes silencia. Dessa forma, ao nos debruçarmos sobre esses dois personagens do cinema nacional, pretende-se também entender qual o papel destinado a esse tipo de operário pela historiografia brasileira.

Palavras-chaves: operário, historiografia, cinema

Abstract: This work has as objective to analyze two personas of the national cinema: Tião, from *Eles não usam black tie*, and José Severino da Silva, a typical worker from *O homem que virou suco*. This piece is about two manual workers who work in metallurgic industries, but who are not associated with the working-class movement. However, the examination of these two fictitious characters is a starting point in order to deepen the historical knowledge on the national industry worker. Taking into consideration the historical point of view, these characters usually are not contemplated by historical research. They are figures who are demonized by the film industry and who in many instances, are silenced by the history. By this way, analyzing these two characters of the national cinema, is also intended to understand the role designated to this type of worker from Brazilian history.

Keywords: factory worker, historiography, cinema

Este texto que orientará a comunicação oral trata de dois filmes nacionais produzidos em períodos muito próximos e algumas possíveis imbricações com a historiografia. Nesta contextura, interessa-nos dois personagens em especial: Tião e Severino.

O período em que as duas obras cinematográficas foram realizadas também merecem destaque, pois, ao que tudo indica, os acontecimentos do final da década de 1970, no que tange ao movimento operário, influenciaram os diretores de ambos os filmes e, de alguma forma, isso transparece em diversas cenas.

* Doutoranda em História ibero-americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Eles não usam black-tie, peça teatral originalmente escrita em 1955 por Gianfrancesco Guarnieri, foi encenada pela primeira vez três anos depois no Teatro de Arena de São Paulo. Na década de 1970, o roteiro foi adaptado para o cinema pelo próprio Guarnieri e por Leon Hirszman, que dirigiu o filme.

O roteiro de *O homem que virou suco*, de autoria de João Batista de Andrade, foi concebido em 1974 como poesia de cordel, e teve seu argumento inicial datado de 1971. O texto para o filme, dirigido pelo próprio autor, só foi finalizado em 1979, ano do início das filmagens.

O lançamento do filme de Andrade ocorreu em 1980; *Eles não usam black-tie* surgiu nas telas um ano depois. O final da década de 1970 e início da década seguinte foi marcado pela efervescência no movimento operário em São Paulo. Vivia-se a experiência das greves do ABC paulista, a retomada do sindicalismo brasileiro, há tanto tempo adormecido devido aos anos de ditadura política vigente no país. E a esse movimento sindical os cineastas não ficaram alheios. Tanto João Batista de Andrade como Leon Hirszman, paralelamente às obras de ficção, documentaram as greves do ABC. O primeiro com o filme *Greve* (1979, 36min), e Hirszman com o documentário *ABC da greve* (1979, 89min).

Para os historiadores dedicados à temática do operariado, as greves do ABC tiveram um grande significado. Segundo o historiador Cláudio Batalha, houve acréscimo no número de trabalhos acadêmicos devido à esta experiência concreta. Ocorreu também uma ampliação nas temáticas abordadas (mulheres operárias, cotidiano operário, condições de vida, etc.), assim como um alargamento na cronologia das pesquisas. No entanto percebe-se que os trabalhos pouco se dedicaram a verificar a experiência histórica daqueles operários que não se comprometeram com a luta sindical, ou que não tinham envolvimento com o movimento grevista.

Nesse contexto se inserem os personagens escolhidos, pois eles podem corresponder a esses operários pouco trabalhados pela historiografia e, por que não dizer pela ciências sociais como um todo. Silenciados pela historiografia e transformados em anti-heróis pelo cinema.

Contextualizando, Tião, o personagem de *Eles não usam black-tie*, é o filho mais velho de Otávio e Romana. A família vive na periferia de São Paulo e pai e filho trabalham na mesma fábrica, uma indústria metalúrgica. Otávio é um velho militante, respeitado por seus companheiros de fábrica, criticado, porém por seu filho, pela ideal de vida que propugna, de sua família.

Severino, de *O Homem que Virou Suco* é um migrante nordestino que foi para São Paulo tentar mudar sua sorte, como outros de sua região. Também trabalha numa indústria

metalúrgica, inicialmente, na limpeza da fábrica, mas seu desejo é ascender na hierarquia da empresa. Assim, depois de encerrar o expediente, Severino deixa seu material para treinar no torno de seu colega a fim de para aprender aquele trabalho. Conquista a confiança de seu patrão e, assim, a desconfiança de seus colegas. Como prêmio, é eleito Operário Símbolo (Operário Padrão).

Tanto Tião, como Severino possuem uma antítese. No caso de *O homem que virou suco*, o contraponto de Severino é Deraldo, personagem principal do filme. Este também veio do nordeste tentar uma vida melhor, porém não se sujeita às imposições e às normas do capitalismo, continua sendo um poeta, ainda que enfrentando adversidades.

Para o caso de *Eles não usam black-tie* torna-se mais difícil localizar quem é a referência contrária. Tanto pode ser o pai de Tião, Otávio, velho sindicalista, Bráulio, companheiro de Otávio que efetivamente morre na luta e é tornado mártir, ou então Maria, noiva de Tião, que mesmo grávida assume a posição de combate juntamente a seus colegas de fábrica e rompe com seu noivo.

Em um texto sobre este filme, elaborado por alunos de graduação da Unicamp, é elucidativo o que expõem acerca da valorização da figura do herói nesta obra. Para eles trata-se de Bráulio a antítese de Tião:

(...) a tendência clara à historiografia perpassada por uma tradução de valorização do ídolo individual, positivista, aparece em *Eles não usam black-tie*, na figura e na representação dada a Bráulio, o amigo de Otávio, que morre na greve. Otávio nos diz, narrando nos diz, narrando o enterro, que daqui a algum tempo, ele será estudado pela História, como um grande nome: além de pressupor certa teleologia, submerge-se temporalmente a curta-duração, com destaque aos mártires, num tempo rápido e curto demais (já que a greve acabou de acontecer). (LOURENÇO, 2004: p. 8)

Sabe-se que o uso de filmes em História vai além da análise cinematográfica. Deve incluir também a investigação fílmica. Entretanto, apesar de assim compreendermos, neste texto nos ativemos a esses dois personagens e ao estabelecimento de possíveis ligações entre figuras fictícias e personagens do mundo real, inseridas no espaço urbano-fábril. Essas relações foram estabelecidas, primeiramente, por meio da pesquisa que está sendo realizada para tese de doutorado em que se estuda a Campanha Operário Padrão desenvolvida no Rio Grande do Sul. Os trabalhadores que participaram desta campanha, patrocinada por órgão empresarial, o SESI, são operários, em sua grande maioria, que podemos chamar de “comuns”, preocupados com o bem-estar material de suas famílias e com uma possível

promoção em suas empresas, bem próximo, em vários aspectos, do que representam Tião e Severino. Este último, ele mesmo, um operário-padrão, ou operário símbolo, nome dado à campanha no filme.¹

Acredita-se que esses dois personagens fictícios podem servir de ponto de partida para uma reflexão mais ampla a respeito da sociedade em que estão inseridos. O mesmo poderia ser feito com outros personagens, e os dois filmes se prestam a isso². Mônica Kornis, parafraseando o historiador francês Pierre Sorlin, indica que as “imagens são uma reflexão em torno do mundo que as cerca, ao mesmo tempo em que recriam uma possível, porém imaginária, visão de alguns aspectos da sociedade, que é apenas *uma* entre as várias possíveis” (2008: p. 35-36). Assim também ocorre com a escrita da história, no caso aqui proposto, dos operários. O texto histórico aborda um aspecto da sociedade, de um grupo social. É uma escolha do historiador. Assim como do cineasta, ou do produtor de cinema.

Sorlin (1994) argumenta que as imagens não se repetem, mesmo aquelas que remetem a um mesmo fato. No entanto existem certos estereótipos criados que tornam compreensíveis os personagens que ali interagem. Da mesma forma ocorre com os dois filmes. Trata-se de duas histórias diferentes, com cenários um pouco diversos. Porém há um modelo de trabalhador ideal facilmente identificado pelo receptor das imagens. Tião e Severino não correspondem a este estereótipo de trabalhador ideal, conforme os pressupostos dos que elaboraram a película.

Numa cena em que Deraldo interroga colegas de empresa de Severino, para saber de seu paradeiro, um companheiro assim narra um acontecimento na fábrica, envolvendo-o:

“Um dia, fez a maior sacanagem. Olavo era do sindicato. E a gente tava preparando uma greve. Todo mundo esperando só a ordem do Olavo. Na hora H, chegou a polícia e baixou o porrete em todo o mundo. E prendeu o Olavo. (...) Severino tirou a casquinha dele com esse negócio aí. Quando o Olavo foi preso, o Severino fez tanta arenga... E pegou o lugar de Olavo na fábrica, no torno.” (ABDALLAHE, 2005: p. 131-132)

Já em *Eles não usam black-tie*, o personagem Tião se posiciona desfavorável à greve, seus companheiros e contra seu pai, mas o faz de forma consciente e elabora seu próprio argumento para justificar sua ação. Ele realmente acredita estar fazendo aquilo que é correto, em prol de seu sucesso material e de sua futura família, uma vez que Maria, sua noiva, está

¹ João Batista Andrade filmou a primeira cena do filme, em que Deraldo é premiado, numa sessão de premiação do operário padrão de São Paulo, na sede da FIESP.

² Em *O home m que virou suco*, por exemplo, as referências aos migrantes nordestinos que “invadem” a metrópole na busca de melhores condições de vida são imensas.

grávida e eles estão prestes a casar. Interpelado por seus colegas na entrada da fábrica ele responde que a “greve é defesa de um direito, não tô a fim de defender este direito e pronto”.

Ao final os dois personagens não logram seus objetivos. É bem verdade que não há um final feliz em ambos os filmes, mesmo porque não se propõem a tal. Severino assassina o patrão e fica louco. Tião se vê obrigado a sair de casa e é rejeitado pela noiva.

O objetivo deste texto e na proposta de analisar dois personagens de filmes distintos é uma tentativa de perceber como a historiografia vem tratando o assunto, ou seja, parece-nos, que dedicando-se a uma parcela dos trabalhadores, mas relegando à obscuridade outros tantos operários que constituem uma considerável gama dos trabalhadores industriais do país.

Referências Bibliográficas

ABDALLAHE, Ariane. CANNITO, Newton (Orgs). **O Homem que virou suco**. Roteiro de João Batista de Andrade. Roteiro do filme, fortuna crítica, depoimentos e entrevistas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2005.

BATALHA, Claudio H.M. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 145-158.

ELES não usam black-tie. Direção e Produção: Leon Hirszman. Roteiro: Gianfrancesco Guarnieri; Leon Hirszman. São Paulo: Embrafilme, 1981, (134 min).

KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, Televisão e História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LOURENÇO, Jaqueline. SOUZA, Rafael de Abreu. DOMINGOS, Simone Tiago. Usando o Black-tie: despindo a obra de Gianfrancesco Guarnieri – o cinema, o marxismo e a escola dos annales. **Klepsidra**, n. 22, out/dez 2004. Disponível em: <http://www.klepsidra.net>. Acesso em: 18 de mar. 2009.

O HOMEM que virou suco. Direção e Roteiro: João Batista de Andrade. Produção: Assunção Fernandes. São Paulo: Embrafilme, 1980, (90 min).

RAMOS, Alcides Freire. O cinema de João Batista de Andrade e a resistência à ditadura militar brasileira: análise e interpretação de “Doramundo”(1977) e “O homem que virou suco” (1980). In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007, São Leopoldo: Unisinos. 1 CD-ROM.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 81-95.